

Movimento e Resistência: uma aproximação etnográfica junto ao Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria¹

Luriana de Sousa Barros (Mestranda em Antropologia pelo PPGA da UFPB)

Apresentação

A presente pesquisa² tem como objetivo refletir sobre a trajetória do movimento lésbico na Paraíba, a partir de uma aproximação etnográfica junto ao Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria. Fundado em 2002, o Grupo Maria Quitéria tem sua sede na cidade de João Pessoa e é, atualmente, o principal coletivo em defesa da cidadania das mulheres lésbicas e bissexuais do Estado. Sua trajetória, dilemas e desafios nos servirão como fio para empreender discussões acerca da temática das lesbianidades e do próprio movimento LGBTQIA+, temas que também acompanharam esta pesquisa.

A vontade de pesquisar e adentrar de forma mais densa a temática de gênero e sexualidade, mais precisamente os estudos de lesbianidades, campo onde essa pesquisa se localiza, esteve comigo desde o início da graduação. Reconhecendo minha trajetória de graduanda em ciências sociais e lésbica, ao longo do curso percebi e questioneei onde se encontra e o que se tem produzido academicamente sobre lesbianidades. Assim, parece que há uma questão posta aí, uma questão identitária pode-se dizer, que se relaciona com ver refletidas e representadas minhas experiências na academia, e arrisco dizer que não são só minhas, mas de todas as mulheres lésbicas que desejam algum tipo de visibilidade no meio acadêmico, seja com seus próprios trabalhos ou mesmo sobre aquilo que estudamos. Por outro lado, esta pesquisa se torna possível graças à existência de um campo profícuo de estudos sobre gênero e sexualidade, tendo relação direta com as produções acerca do movimento feminista, e de suas próprias conquistas nessa dinâmica com a construção do quadro teórico dos estudos de gênero e sexualidade, que não necessariamente tem focado na questão das mulheres lésbicas, mas que estão aí produzindo teorias e estimulando pesquisas que renovam as ciências sociais.

Na mesma medida, é preciso situar que esta pesquisa é marcada por um período político bastante complicado e de constante ataque aos movimentos sociais no país, e ao que parece ser, um contexto de retrocesso quando pensamos em direitos humanos, marcado principalmente por um

¹ 44º Encontro Anual da ANPOCS. GT38 - Sexualidade e gênero: política, agenciamentos e direitos em disputa.

² O presente estudo apresentado é resultado do meu Trabalho de Conclusão de Curso na graduação em Ciências Sociais - Bacharelado, na Universidade Federal da Paraíba, Brasil. Aqui reúno os pontos mais relevantes da monografia, fazendo uma compilação dos resultados e reflexões acerca da temática aqui abordada.

discurso sistemático de ódio e repulsa ao movimento LGBTQIA+, como bem demarcam Nascimento e Franch (no prelo):

[...] em que conquistas importantes do campo democrático estão ameaçadas pelo progressivo avanço de setores conservadores em áreas estratégicas de poder, culminando na eleição de um presidente de extrema-direita, que apresentou como uma de suas agendas principais o combate à “ideologia de gênero. (NASCIMENTO; FRANCH, no prelo, p.1).

A centralidade da pesquisa, nesse sentido, se dá nas discussões acerca da luta pela visibilidade, na garantia de um espaço de fala e de discussão da própria existência lésbica (RICH, 2010) e das ações que mulheres lésbicas e bissexuais vem desenvolvendo, especificamente o Grupo Maria Quitéria, no Estado da Paraíba, Brasil.

Sendo estas mulheres atuantes do movimento político em João Pessoa, ligadas às diversas atividades que ocorrem na cidade e atuando no movimento social, percebo a necessidade de registro e compreensão de suas trajetórias e narrativas por vários motivos – primeiro, pela menor representatividade que as experiências individuais e coletivas de mulheres lésbicas possuem no conjunto de produção acadêmica em torno das questões LGBTQIA+; segundo, pela pouca representatividade que a Paraíba tem na construção da memória em torno do movimento LGBTQIA+ no Brasil, muito centrado no Sudeste³. Essa menor representatividade no conjunto de produção acadêmica a que me refiro pode ser verificada no mais recente balanço da produção em gênero e sexualidade no Brasil, relativo à década de 2008-2018:

Já a temática lésbica continua menos presente na literatura sobre gênero e diversidade sexual, o que mais uma vez corrobora com a invisibilidade das experiências homoafetivas femininas que a militância vem denunciando há tempos. Encontramos artigos sobre as aproximações e diferenças entre a categoria lésbica e homem trans, experiências de mulheres homoafetivas em contextos comparativos internacionais, o envelhecimento entre mulheres lésbicas ou, ainda, expressões de gênero entre mulheres que “gostam de mulher”. Um único dossiê foi identificado, organizado por Ana Carla da Silva Lemos e Nathalia Cristina Cordeiro (2018) para a revista *Cadernos de Gênero e Diversidade*, contendo artigos apresentados no marco da I Jornada sobre o Pensamento Lésbico realizada em 2017 em Salvador. Cabe salientar que iniciativas como a I Jornada e o desenvolvimento do projeto *Lésbicas que Pesquisam* apontam para uma mudança nesse cenário, que esperamos possa ser verificada em futuros balanços (NASCIMENTO; FRANCH, no prelo, p. 25-26).

Nesse sentido, a vontade de estar com as agentes (ORTNER, 2011) desta pesquisa, surge por querer me inserir num campo onde mulheres lésbicas se movimentam e se articulam de forma política, percebendo tal movimentação como uma dimensão que possibilita pensar as questões que são colocadas nesse fazer e a própria existência da mulher lésbica. Em vista disso, nesta pesquisa empreendo um movimento de pensar as ações e trajetórias do Grupo de Mulheres Lésbicas e

³ Ver Nascimento e Franch (2019).

Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria, desde a teoria lésbica (BOURCIER, 2015; RICH, 2010; SAUNDER, 2017), a partir de categorias como heterossexualidade compulsória (FALQUET, 2010; RICH, 2010), identidade lésbica, invisibilidade nas relações e na própria existência, invisibilidade dentro do próprio movimento LGBTQIA+ e feminista (SOARES; COSTA, 2014), e a própria lesbianidade como resistência política (CLARK, 1990; FALQUET, 2010; RICH, 2010; SILVA, 2018). Outro ponto que impulsiona esta pesquisa é tratar a lesbianidade enquanto categoria social, não individualizada, construída socialmente, porém marcada por subjetividades. Do mesmo modo, considero refletir sobre a reivindicação de elementos como a autonomia e auto-organização, e a própria atuação independente como parte da ação política dentro do movimento lésbico.

Proponho refletir a partir das produções acerca do movimento lésbico, grupo de lésbicas, ou mesmo “um corpo lésbico” que parecem questões imbricadas, em alguma medida, numa mesma direção: a quebra de uma obrigatoriedade da heterossexualidade e logo, o rompimento com inúmeros condicionamentos que esta impõe; a lesbianidade como algo além de uma orientação sexual, e o surgimento da necessidade de articular-se ou mesmo de tornar suas afetividades e subjetividades visíveis, seja no próprio movimento ou mesmo nas diversas experiências de mulheres lésbicas:

Ao enquadrar a lesbianidade como um ato de resistência, sugerindo que as lésbicas escapam do destino das mulheres, e que a mulher que se elege ser lesbiana vive perigosamente, Clarke (1990) posiciona a lesbianidade feminista produtora do “corpo lésbico” em um quadro epistemológico em que todas as pessoas são capazes de aprender e ensinar e, sobretudo, se transformar (SILVA, 2018, p. 99).

Outra questão que se coloca como ponto reflexivo na feitura da pesquisa, é a noção de interseccionalidade (AKOTIRENE, 2018; CURIEL, 2007; HIRATA, 2014; HOOKS, 1981) como categoria analítica relevante para a construção deste texto. Como uma categoria que possibilita visualizar a inseparabilidade estrutural de opressões, tais como o racismo e capitalismo, tornando-se igualmente necessário pensar sobre o debate do feminismo negro, o debate sobre cis-hetéro-normatividade, discussões acerca da temática do capacitismo e mulheres com deficiência. De fato, durante a realização da pesquisa, os principais marcadores sociais da diferença que pude mapear, além do fato de serem mulheres lésbicas, foram as questões acerca de classe, raça/etnia, idade e o tipo de expressão de gênero e sexualidade. Pensar a interseccionalidade não foi algo dado de início, mas fez parte das descobertas do campo, uma vez que, conforme mostrarei mais adiante, as “Quitérias”, como elas se autodefinem, refletem e incorporam essa dimensão em sua prática cotidiana, exigindo, portanto sua inclusão na pesquisa.

As produções teóricas acerca da lesbianidade ou do próprio movimento lésbico, parecem se aproximar de uma pauta em comum, que é a de tornar visíveis as vivências e experiências lésbicas,

assim como estabelecer a garantia e legitimidade desse lugar de fala, isto é, questões sobre visibilidade e representatividade parecem ser aquilo que mais atravessa esse movimento. Não menos importante, a necessidade de recriar nossa história a partir de nossas lentes, na tentativa de consolidar tais saberes.

A discussão será dividida em tópicos para melhor visualização das questões aqui tratadas, a saber: a) descrevendo nossas relações, pensando lesbianidades: heterossexualidade compulsória, violência e silenciamento; b) metodologia; c) notas sobre o movimento lésbico no Brasil e na Paraíba; d) da memória e experiências com as Quitérias; e) dos lemas e ações que guiam seus passos; por último, trabalho as considerações finais em torno da pesquisa.

Descrevendo nossas relações, pensando lesbianidades: heterossexualidade compulsória, violência e silenciamento

Neste tópico, destaco algumas reflexões que me surgiram durante a pesquisa, apresentando inquietações que tomaram forma na execução do projeto. A partir disso, percebo que o que se faz muito presente tanto nos estudos lésbicos, como acompanhando o Grupo Maria Quitéria, ou mesmo na vida diária, é a necessidade de se sentir representada nas relações sociais, que nossas afetividades sejam contadas de forma digna e coerente com nossas vivências. A violência, portanto, foi uma questão central nas conversas que tive nessa pesquisa e também nos espaços políticos em que estive presente.

Meu primeiro contato com o Grupo Maria Quitéria, inclusive, anterior ao início “oficial” desta pesquisa, foi perpassado por esse tema. Foi no dia 14 de março de 2019, no “Festival Marielle Vive – 12 horas de Resistência para 12 meses de Espera”, que aconteceu no Parque Sólon de Lucena, conhecido como a Lagoa, no centro da cidade de João Pessoa. Nesse dia houve a roda de conversa intitulada “Lesbocídio: o crime que ninguém fala”, facilitada pelo Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria. Me fiz presente na roda, onde pude aprender sobre coisas que eu nem fazia ideia, como a própria palavra que dava nome a roda: *lesbocídio*, a morte de mulheres lésbicas por repulsa ou discriminação à existência lésbica. As falas daquele dia foram bem impactantes e em muitas delas pude me reconhecer. Após este momento, pude ter acesso a origem do próprio termo que foi título da roda, sendo este usado num primeiro momento pelo *Dossiê sobre lesbocídio no Brasil - 2014 até 2017* (PERES; SOARES; DIAS, 2018), onde as autoras o propõem com intuito de tornar público uma discussão tão urgente como essa, denunciando, igualmente, a própria lesbofobia, que é a causa primeira para a ocorrência deste crime. A partir disso, foi possível analisar o apagamento da mulher lésbica e pensar onde ele se faz perceber. Pontuo que é no silêncio, no não falar, no não lugar, a presença na ausência. Aqui, pude

refletir, que além da invisibilidade posta em nossas existências, a inaudibilidade (SPIVAK, 2010) está colocada igualmente, isto é, a questão de falar e ser ouvida efetivamente, como uma voz que possui alguma importância.

Outra questão que surge quando olhamos para as violências postas na existência lésbica, é sobre a necessidade de criar “justificativas” para explicar os motivos que levam uma mulher a ser *sapatão*⁴, o que pode ser considerada, a meu ver, uma violência bastante corriqueira. Assim, a ideia de uma mulher se interessar por outra de forma afetiva-sexual não pode ser ela mesma a justificativa da existência lésbica, são levantadas, portanto, inúmeras “justificativas” tidas com brincadeiras sobre essa existência. Como exemplo, talvez a mais corriqueira seja: “ela se decepcionou com homens, por isso agora prefere mulheres”, direcionando essa existência para uma espécie de escora de abusos masculinos. Ainda: “outra camada de mentira é a implicação, encontrada de modo frequente, de que as mulheres inclinam-se para outras mulheres por conta de um ódio próprio pelos homens” (RICH, 2010, p. 42). Este eterno exercício de colocar os homens na centralidade da vida das mulheres, principalmente das lésbicas.

Tais violências, portanto, parecem partir de um mesmo lugar, da invisibilidade posta dentro das relações lésbicas e da própria existência lésbica. O que venho reafirmando neste trabalho, não à toa, porque por serem invisíveis essas relações e essas existências, torna-se muito difícil falar de qualquer outra pauta que não seja a luta pela visibilidade, o que torna mais difícil ainda, sugiro, apontar quais são as dores, as violências e outras experiências que se passam na vida da mulher lésbica, as experiências de alegria, bem estar, prazer. A busca pela visibilidade, mas com dignidade e cidadania.

Questiono, assim, em meio à tantos discursos que circulam sobre ser lésbica: por que ainda há tanto apagamento/silenciamento? As inquietações surgem e me direcionam a pensar porque mesmo em meio à tantos discursos sobre gênero e sexualidade - ser lésbica, *sapatão* - parece ainda ficar na surdina desses movimentos? Em diálogo com Lessa (2007), ela aponta “a política do silêncio é a melhor aliada da política do esquecimento”, sinalizando caminhos para pensar sobre este apagamento.

Similarmente, trago a fala de uma das integrantes do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria, no evento “Amores (In)visíveis: Resistências em tempo de retrocesso”, sendo possível compreender sobre essas questões que coloco aqui, assim:

⁴ O termo “*sapatão*” é utilizado comumente de forma pejorativa nas relações de poder que atravessam o cotidiano de mulheres lésbicas. Embora sendo pronunciado, muitas vezes, como xingamento ou para constranger e/ou humilhar uma mulher pela sua escolha em relação a orientação sexual, o termo é ressignificado nas rodas, grupos, no movimento social e vida cotidiana de diversas mulheres lésbicas. Outros termos também são ressignificados de forma política, como “*caminhoneira*”, “*fancha*”, o que seria uma variação de “*sapatão*” que seria “*sapatona*”, dentre outros. Acredito na importância de utilizar este termo como ressignificação de nossos processos históricos, e por isso mesmo políticos.

Como eu mesma que estou resistindo, vou saber o que é resistir? Se tenho diversas inseguranças postas em mim? Se essa foi a forma que fui construída? Como vamos compreender essa resistência se não temos referência? Eu não aprendi, nós não aprendemos sobre isso. E como fica nossos sentimentos, nossas mentes? Para lutar por direitos temos que entender o que são direitos. São só leis? Temos que construir afetividades e desconstruir tudo isso que construíram pra gente se atacar, competir.⁵

É de nosso conhecimento que, por um lado, o campo de debate acerca do tema da violência é bastante extenso e por isso mesmo, é significativamente mais amplo do que traçado aqui. Por outro lado, também reconheço outras inúmeras violências que possivelmente atravessam as existências da mulheres lésbicas, mas ainda assim, parece ser possível mapear as violências mais presentes quando nos aproximamos da temática sobre lesbianidade ou mesmo quando pensamos sobre aquelas que atravessam a vida social de muitas mulheres lésbicas, que foi o que me esforcei para demonstrar neste tópico.

Metodologia

Pela natureza das questões que me mobilizaram na definição e na execução do projeto, foi utilizado nesta pesquisa o método etnográfico, sendo de tipo qualitativo, com a técnica de observação participante e entrevista semi-estruturada. O período que a pesquisa se deu foi entre março de 2019 a janeiro de 2020. Após negociar com o grupo a realização desta pesquisa, passei a participar das atividades propostas pelo GMMQ, seja quando elas me chamavam para fazer parte de alguma ação ou quando eu mesma me colocava disponível para isso, ou ainda para falar sobre alguma pauta, tema em questão. Nesses momentos, interagi o máximo possível com as participantes do Maria Quitéria e com as pessoas que assistem suas atividades e tentei exercitar da melhor maneira as faculdades exigidas no trabalho etnográfico – *Olhar, ouvir, escrever* (OLIVEIRA, 1996).

Assim, tive muitas conversas, tentei captar e reconhecer o que ocorria ao meu redor, descrevendo e registrando posteriormente tudo no meu diário de campo. Após uma primeira elaboração dos dados, senti falta de um maior aprofundamento e por isso realizei uma entrevista coletiva com quatro participantes do Grupo, seguindo um roteiro flexível, abordando os seguintes temas: memória e trajetória, objetivos do Maria Quitéria, associações e conflitos com outros/as agentes do campo, desafios para o futuro. Embora tenha plena consciência do caráter exploratório desta pesquisa, a opção metodológica me permitiu etnografar as ações que o Grupo Maria Quitéria

⁵ Fala da integrante do Grupo Maria Quitéria no evento “Amores (In)visíveis: Resistências em tempo de retrocesso”, 10/05/2019.

desenvolveu durante esse período de pesquisa, assim como vivenciar o cotidiano de luta e resistência que o Grupo inspira.

Uma vez inserida no campo enquanto pesquisadora, pude alinhar as idas ao campo junto às interlocutoras. O campo, por sua vez, se fez em diversos lugares, tudo dependia de onde seria e como seria a atividade que o Grupo Maria Quitéria estaria propondo. Como pude presenciar, o Grupo organiza, articula e desenvolve suas ações em lugares diversos. E embora as Quitérias tenham uma sede no centro da cidade, e se utilize dela, é possível verificar a movimentação organizativa do Grupo muito mais nas casas das integrantes. Em uma conversa com Marli Soares, arte educadora, mulher negra e uma das integrantes mais antigas do Grupo, ela me disse que o Grupo é formado por mulheres periféricas, e que algumas vezes o deslocamento para o centro (local da sede) se torna uma questão. Isto não implica na não utilização da sede, o que de fato demonstra é uma dinâmica de organização aberta e inclusiva. Deste modo, pude vivenciar esta pesquisa nos espaços da UFPB, Campus I (Universidade Federal da Paraíba), nas casas das integrantes do Grupo Maria Quitéria, na sede do grupo localizada no centro da cidade de João Pessoa, na CEJUBE (Centro de Atividades e Lazer Padre Juarez Benício Gramame), no Parque Sólon de Lucena e também no Centro de Reeducação Feminina Maria Júlia Maranhão⁶, localizado no bairro de Mangabeira, na cidade de João Pessoa.

Pensando as questões em torno do distanciamento *versus* implicação, proponho refletir sobre meu lugar de pesquisadora lésbica, tratando de um tema tão próximo. E a partir disso, se fez um desafio escrever sobre o que é próximo, não porque houve dificuldades de apreensão e compreensão do que observei ou mesmo sobre a dificuldade de estranhar o familiar (DAMATTA, 1978, p. 4-5), mas porque as implicações de uma etnografia construída por uma pesquisadora sapatão, sobre um movimento social formado majoritariamente por mulheres sapatão, somada com a questão de ser uma primeira pesquisa, de fato, feita por mim, “sozinha”, e com a própria dificuldade estrutural posta nesta construção, tornou-se, inevitavelmente, uma questão. Arrisco-me a dizer que questões sobre parcialidade, afetação (FAVRET-SAADA, 2008) e ética estiveram colocadas de uma forma bem mais intensa aqui que em outras pesquisas, as ditas “distanciadas”. Por outro lado, nos estudos gays e lésbicos, de modo geral, é muito comum esta identificação, aliás, ela é mesmo, até certo ponto esperada, sendo surpreendente e, por vezes, visto como “suspeito” o interesse em temas LGBTQIA+ por quem é de fora da “comunidade” (MEINERZ, 2011).

É importante também apontar para o risco de se pensar que esse tipo de afinidade/afetação com o campo seria, em si, uma garantia de melhor compreensão. O que torna necessário refletir sobre eu ser uma jovem lésbica que pesquisa o tema, o que pressupõe me desfazer de qualquer

⁶ Embora a ação realizada no referido Centro de Reeducação seja parte relevante dentro da agenda do Grupo, não me coube ferramentas necessárias para empreender tal discussão no presente momento da pesquisa.

possibilidade de essencialismo, no sentido de não pensar que minha experiência, em si, é suficiente para conhecer o campo de pesquisa. Nesse sentido, é necessária uma forte vigilância epistemológica da minha parte para não tomar por certo a identidade de experiências que podem, efetivamente, ser muito distintas, mesmo partilhando a questão da lesbianidade.

Reconhecendo a importância dessa discussão, aqui, parto para a questão acerca da bissexualidade. Como escolha teórica e metodológica, o tema das lesbianidades surge como meu primeiro interesse. Entretanto, a partir do momento que visualizo a possibilidade de trabalhar com o Grupo Maria Quitéria, a questão da bissexualidade está colocada em campo igualmente. Até o momento da feitura desta pesquisa, o Grupo é composto por lideranças majoritariamente lésbicas, porém tem um alcance de parcerias e participação de mulheres bissexuais importante. Apesar disso, a escolha final que fiz, para o momento da monografia, foi dar prioridade à questão das lesbianidades, embora incorporando também alguns dados e elementos sobre bissexualidade, à medida que foram trazidos pelo campo. Isto porque minha escolha nesta pesquisa se coloca, como já foi dito, a partir de minhas experiências pessoais e a necessidade política de reflexão sobre lesbianidades. Então, embora consciente da importância de abrir espaço para a discussão da bissexualidade no campo de gênero e sexualidade, não será neste momento que me debruçarei sobre ela. Por último, ao decorrer da pesquisa, pude contar com um grande apoio das minhas interlocutoras. A todo contato que eu propunha, elas se colocavam acessíveis, o que facilitou de forma real todo o processo metodológico e de desenvolvimento da pesquisa.

Notas sobre o movimento lésbico no Brasil e na Paraíba

Neste tópico, busco sinalizar alguns pontos acerca do movimento lésbico na Paraíba, apontando para o início da história do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais - Maria Quitéria.

Inicialmente, partirei da observação das relações de contribuição que o movimento feminista desenvolveu em determinado período, no âmbito político no Brasil. Em 1980, movimentos feministas surgem no cenário nacional atuantes no processo de redemocratização do país, operando nos âmbitos de denúncia contra a opressão de mulheres, assim como no sentido de propor políticas públicas. A partir disso, há uma forte consolidação de luta e reivindicação de espaços para mulheres. É nesse sentido que se torna necessário relacionar o surgimento do movimento lésbico aos movimentos feministas, que embora houvesse (e haja) divergências de pautas, é de suma importância destacar que o movimento lésbico se ancora, em diversos momentos da história, ao movimento feminista.

Anterior a este momento, como bem aponta Oliveira (2017), o cenário colocado era de um regime de repressão política, o período da ditadura militar, mas no final da década de 1970 há uma abertura que possibilita um momento de expansão de grupos que trabalhavam em ações coletivas e estimulavam acessar políticas que, aparentemente, o Estado não estava dando conta. Algumas questões emergiam e eram entendidas como necessárias naquele momento, pautas que se confluíam, pode-se dizer assim, num movimento semelhante ao que estava acontecendo no Ocidente, que eram: “enfrentar a violência nos ambientes domiciliares, reconhecer a cidadania de negros, mulheres, homossexuais; combater o avanço de indústrias em detrimento da degradação ambiental” (OLIVEIRA, 2017, p. 325).

Nesse período da década de 1970, o movimento lésbico no Brasil caminha ainda de forma lenta, sendo apenas nos anos de 1980 a 1990 que se observa sua maior expansão. São registrados encontros nacionais feministas – com seu auge nesse período – onde ocorreram momentos importantes de visibilização da presença lésbica no próprio feminismo. E apesar da lesbianidade não ser a pauta central destes encontros, as mulheres realizavam diversas atividades, como oficinas, reuniões, festas, dentre outros, como forma de demarcar suas existências e se fazer presente nos próprios encontros (SOARES E COSTA, 2014, p. 12 e 13).

Como aponta Lessa (2007, p. 27), quando buscamos a história do movimento lésbico no Brasil, “encontramos um universo rico em experiências políticas e uma visível vontade de contar suas histórias.” Os movimentos de lesbianas, como cita a autora, são caracterizados por um conjunto de métodos, lutas, gerando uma diversidade de organizações que adentram igualmente uma diversidade de experiências, assim: “trabalho/profissão, classe, etnia, idade, bissexuais, mães, divorciadas, mulheres que nunca relacionaram-se afetiva-sexualmente com homens, enfim, uma multiplicidade de locais de fala e de ação” (LESSA, 2007, p. 189).

Outra questão que pude encontrar ao decorrer da literatura, como já citado anteriormente, mas que cabe uma nova aproximação devido à importância desta discussão, é a tensão com o movimento feminista e LGBT, porque inclusive, é uma questão bastante marcante na história do movimento lésbico no Brasil. Esta tensão encontrada tem a ver com a falta de representatividade e com a própria dimensão da heterossexualidade compulsória, com o apagamento das questões que se faziam importantes para o movimento lésbico, o que resultou, em muitos momentos, na ruptura, em alguma medida, com o movimento LGBT e feminista. Seria inviável não levar em conta essa questão quando pensamos a história do movimento lésbico.

De outro modo, se faz necessário um panorama acerca da história do movimento LGBT na Paraíba. Oliveira (2017) aponta a similaridade que este nutre com movimentos de outros estados, a saber, uma experiência da sexualidade negatizada, dada a moralidade vigente na década de 1970. Em contrapartida, aponta o surgimento de um público juvenil e universitário que direcionava suas

ações para tornar possíveis as experiências subjetivas em torno de suas sexualidades e afetividades que não podiam ser faladas e vivenciadas numa “cidade ainda profundamente marcada por uma moralidade cristã, comprometida com o disciplinamento dos corpos e dos prazeres” (OLIVEIRA, 2017, p. 331), referindo-se a cidade de João Pessoa.

Nesse cenário, surge um primeiro grupo na cidade como movimento social, o Nós Também (NT) que atuou até o ano de 1983 na cidade de João Pessoa. Quase uma década depois, no ano de 1992, é fundado o Movimento do Espírito Lilás (MEL):

[...] um grupo que, como informa um dos seus idealizadores e fundadores, Breno Correia, nasce na cidade de João Pessoa com “o objetivo de ser um movimento de emancipação homossexual”. Congregava gays, lésbicas e algumas poucas travestis e durante os anos iniciais sua atuação seguiu os moldes do antigo “Beira de Esquina”, buscando trazer e discutir demandas e políticas públicas entre o Estado e os homossexuais da cidade em bairros da capital paraibana (OLIVEIRA, 2017, p. 334).

Nos anos de 1992 até 2002, o grupo MEL, atuante até o presente momento na cidade de João Pessoa, se manteve como um grupo diverso, que como cita Oliveira (2017), reunia gays, lésbicas e travestis. Passados dez anos, o grupo enfrentou conflitos internos, o que gerou uma reconfiguração do mesmo. Militantes que atuavam no grupo e não se sentiam contempladas, especificamente as travestis e mulheres lésbicas, como aponta Oliveira (2017), passam a buscar uma atuação mais direcionada as pautas específicas de seus segmentos:

Em 2002, no seio dos debates já em desenvolvimento sobre segmentação ou não do MEL, surgem os dois grupos que ainda hoje atuam na cidade, orientados especificamente para mulheres lésbicas e bissexuais e o segundo para travestis e transexuais. [...] surgiu a Associação de Travestis e Transexuais da Paraíba (ASTRAPA) e o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria (OLIVEIRA, 2017, p. 341).

O surgimento do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba – Maria Quitéria, marca o início de uma atuação política militante voltada especificamente às mulheres lésbicas e bissexuais no estado da Paraíba, a suas demandas por visibilidade e cidadania. Trata-se do primeiro movimento social formado por e para mulheres lésbicas e bissexuais na história da cidade. A luta pela visibilidade e pela garantia dessa existência implica pensar uma atuação política que de fato incorpore essas pautas na agenda. Nossas reivindicações se distinguem das demais, contidas nos outros segmentos do movimento social LGBTQIA+, tendo em vista a condição normativa da heterossexualidade, que assume caráter compulsório; limita a existência da mulher, sobreposta à suposta superioridade masculina e a cultura sexista. Por isso mesmo, a existência lésbica, ao romper com os paradigmas dominantes da heterossexualidade compulsória, no que tange aos papéis de gênero e sexualidade, rompe duplamente com os condicionamentos sociais dominantes.

Da memória e experiência com as Quitérias

Este tópico traz narrativas acerca da memória do Grupo a partir de entrevista e observações feitas em campo, assim como descrições das experiências compartilhadas com o Grupo Maria Quitéria ao decorrer desta pesquisa. Temas como a relação que o Maria Quitéria tem com o Estado e outros grupos da cidade também estão aqui incorporados, organização e articulação acerca da Parada LGBT de João Pessoa (2019) e um tópico posterior que trata sobre os lemas que guiam os passos do Grupo.

O Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria foi fundado em 2002, com o objetivo principal de combate à violência contra mulheres lésbicas e bissexuais, resgatando a cidadania, promovendo a autoestima e objetivando a qualidade de vida, tendo sua sede no centro da cidade de João Pessoa - Paraíba, direcionando, principalmente, seus trabalhos e ações a mulheres das periferias. Atualmente, cerca de onze mulheres integram o grupo, onde pude ter maior contato com Marli Soares, Cryss Pereira, Fátima Fonseca, Sivi Silva, Aniele Mirtz e Adi Tarjino. Para pensar a própria história do grupo, acreditando na captura do registro contada por elas mesmas, trouxe inicialmente em entrevista a seguinte pergunta: “Quem são as Quitérias?”. Elaborei esta pergunta na tentativa de incitar o Grupo acerca de suas memórias, mas principalmente com a ideia de que viesse à tona não somente as datas, os laços e o próprio ano de fundação do Grupo, mas a ideia de identidade, como elas se veem e se reconhecem. Tive a oportunidade de entrevistá-las, possibilitando uma proximidade em torno de suas vivências, e que no dia sugerido para essa entrevista, aconteceria uma reunião entre elas para conversar sobre os projetos que o Grupo vem desenvolvendo atualmente. A partir deste momento, não identificarei individualmente as Quitérias quando citá-las na entrevista, buscando preservar suas identidades, sobretudo diante de algumas situações de conflito que é importante explicitar, mas que são delicadas:

– Pra mim, As Quitérias são mulheres que trazem traços desde a infância de querer algo diferente para elas e para as outras. Eu não vejo nenhuma Quitéria aqui dentro que queira uma mudança só pra elas. Eu vejo todas As Quitérias que querem uma mudança social real, dentro da nossa identidade. As Quitérias pra mim são isso. São essas mulheres que pensam para além do seu tempo, para além desse tempo.

– Deixar um legado pras que vierem depois.

– Porque todas têm história, né? Todas têm a sua história, então assim, esse “além”... Você tá trabalhando pra quem e pra que? Essa luta, o que representa essa luta? Essa resistência, esse embate? Quem somos nós, na verdade? Então, já fizemos o grupo com essa cara, buscando sempre os direitos das mulheres.

Chamo a atenção para alguns aspectos da fala das entrevistadas. Ser uma Quitéria é algo relacionado com: um compromisso coletivo (querer uma mudança que não seja individual, “só pra elas”), uma atitude de vanguarda (para além do tempo), e uma disposição para o enfrentamento (resistência, embate, luta).

Em outro momento com o Grupo, especificamente no primeiro encontro “oficial” com o Grupo Maria Quitéria, uma das integrantes fala da importância que o Maria Quitéria tem dentro do movimento LGBT na Paraíba, especificamente em João Pessoa. Comenta sobre a necessidade de ocupar espaços, uma vez que são os homens que falam de lesbianidade, afirma ela. Em seguida, comenta sobre a sigla, fala da luta pela sigla, que antes era GLBT, e do processo que foi vivenciado para que o “L” estivesse à frente da sigla. Neste mesmo relato, ela cita que mesmo estando à frente da sigla “ainda somos esquecidas”. Refletindo sobre estas falas, arrisco dizer que trata-se de conquistas que, para quem está de fora do movimento, podem parecer minúsculas, mas que revelam como movimentos como o Maria Quitéria encontram-se, frequentemente, numa dupla frente: afirmando-se diante de seus parceiros no movimento (LGBT ou feminista) e lutando por cidadania na sociedade mais abrangente.

A relação com o Estado e outros movimentos sociais da cidade, como já citado, surge corriqueiramente como pauta nas experiências do Grupo. Neste ponto, demonstro apenas uma tentativa de apresentar uma análise acerca dessa questão, justamente porque há uma complexidade aqui colocada. Nesse sentido, foi possível observar juntamente os desafios e conflitos que estão colocados na relação do Grupo Maria Quitéria com outros movimentos sociais da cidade, movimentos que, ora contribuem como parceiros, ora invisibilizam o Grupo, isto é, secundarizam ou mesmo tentam silenciar este movimento. Deste modo, durante o tempo de pesquisa, pude analisar que a relação com o Estado em termos de luta por políticas públicas e a relação com o Estado em termos de apoio às ações do Grupo, se diferenciam. Neste sentido, no cenário atual político, isto é, em nível nacional, há um esgotamento de políticas públicas voltadas para as demandas de movimentos sociais em todo o Brasil. De outra forma, se tratando de apoio às ações do Grupo, há uma parceria maior com Governo do Estado da Paraíba do que com a Prefeitura de João Pessoa (durante o tempo da pesquisa), onde ocorrem maiores desafios. Ainda assim, é preciso afirmar que a luta por cidadania, a garantia de um espaço político e a luta para se conquistar políticas públicas é algo diário, cotidiano, para o Grupo Maria Quitéria. “Nós vamos atrás do poder público porque é nosso direito”, reflexão de uma das integrantes do Maria Quitéria, na abertura do IV ENLESBI (IV Encontro de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba, 2019), que sinaliza a forma como vem se dando a relação do Grupo com tais instâncias. Em entrevista, questiono de forma mais sistemática acerca dessas relações, assim:

- Luriana: Como o Grupo se mantém, quais as parcerias e alianças para desenvolver as ações? Quais caminhos o Grupo busca para desenvolver as diversas ações que executam?
- [...] A gente nunca tinha nada, e aí a gente começou a provocar o poder público, se a gente precisa de lanche, a gente vai atrás da secretaria dos direitos humanos, se a gente precisa de água, a gente vai atrás da vereadora ou deputada tal, se a gente precisa de palco, a gente vai atrás da secretaria de mulheres [...].
- Luriana: Como funciona a relação com o Estado?
- Ah, eu acho que funciona bem. Com o Estado a gente avança mais. Com o poder público hoje a gente sente o baque do Bolsonaro, na verdade, que até então a gente não sabe como está a política nacional, como que tá caminhando, a gente só sabe da política local. A política nacional estacionou.
- A nível local a gente tem uma relação... uma relação de troca, de parceria.
- [...] “é de boa”, mas com o município não.
- Mesmo com o município, com as dificuldades, existe um diálogo. Da parte do grupo, não existe, não?
- Hoje [...] a gente tá fazendo um diálogo porque esses últimos meses, porque a gente vem querendo que continue aquele espaço, né, a gente não quer perder aquele espaço [...].
- Mas não tem diálogo com o município.
- É só “cipuada”, é só decepção.
- Se não fosse o movimento social, aquilo ali não existia. E ver que a qualquer momento que aquilo correr risco de ser extinto, é o movimento social que vai entrar de novo.
- A gente pode começar do zero, e se a gente começar do zero a gente não consegue, porque o fundamentalismo tá tão grande, que a gente não consegue mais erguer, se a gente fechar aquilo ali, num vai conseguir.
- Luriana: Quais os conflitos e desafios que se colocam em relação a outros grupos na cidade de João Pessoa?
- O maior desafio que eu vejo, que as mulheres feministas abraçam a nossa causa como a gente abraça a causa delas. Esse é um desafio.
- Nós não sentimos ainda esse acolhimento [...].
- E outro pior ainda, pra mim, é com “os macho” gay do movimento MEL [...].
- Quando vem, já vem pronto.
- Na parada do ano passado, os macho do MEL boicotaram a parada, [...] e no dia da parada, “os macho” do MEL apareceram e ainda impediram as meninas da Maria Quitéria de subir no trio, e mandaram elas carregar a água nas costas [...] ele mandou carta abdicando da parada LGBT. Mas, no dia da parada, estava lá para humilhar as lésbicas que se aproximaram do trio. Era qualquer uma [...].
- Quando você começa a conviver, não adianta porque a gente só conhece quando convive. Porque faz toda a linha, do diplomático, do bonzinho... Mas num dura dez minutos [...].

Como pude vivenciar, assuntos relacionados a realização de atividades, questões organizacionais e de articulação, perpassam o cotidiano do Maria Quitéria. Deste modo, no primeiro momento “oficial” da pesquisa que estive com elas, em setembro de 2019, a Parada LGBT de João Pessoa estava em pauta, e alguns conflitos decorriam da organização desse evento. Também foi um momento para acessar as experiências das Quitérias com esse tipo de mobilização. Nesse sentido, percebe-se uma clara diferença geracional, com as “antigas” trazendo, em primeira mão, uma história que as mais novas no grupo reproduzem em suas falas, fazendo parte do legado do Maria Quitéria. No dia em que discutíamos a organização da Parada, Marli, que tem um papel importante na salvaguarda da memória do grupo, fez um paralelo entre a Parada do Orgulho LGBT de São Paulo e a Parada de João Pessoa, se referindo à questão estrutural. Marli disse ainda, que a Parada de Recife, por sua vez, é organizada por empresas, assim como a de São Paulo, por isso que lá essas Paradas são maiores. Para além dessas questões, Marli falou da falta de representatividade lésbica nesses espaços, ou em suas palavras “mulheres não têm história”, no sentido da falta de visibilidade e pouca representatividade que há neste espaços. De acordo com ela, a invisibilidade do movimento em João Pessoa é colocada para o Maria Quitéria, no sentido de que é este grupo quem mais sofre com a invisibilidade, e que isso é algo histórico, de anos.

Dos lemas e das ações que guiam seus passos

Neste ponto, sinalizo para os lemas que guiam os passos do grupo, caracterizando-o, inicialmente, como um movimento que luta, trabalha e desenvolve suas ações pensando no direito à cidadania de mulheres lésbicas e bissexuais. A partir daqui, torna-se possível verificar quais temas guiam o Grupo Maria Quitéria em suas trajetórias. Pautas como combate ao estupro corretivo, objetificação, lesbocídio, direitos sexuais e reprodutivos, saúde integral, saúde mental, e violência doméstica, fazem parte de sua agenda e guiam diretamente seus passos. E por isso mesmo, suas ações são planejadas pensando nessas questões. No seguinte trecho da entrevista, torna-se possível observar quais narrativas que se fazem importantes na trajetória do Grupo:

- Luriana: Quais temas que guiam os passos do Grupo?

- São: violência contra a mulher, visibilidade das mulheres lésbicas e bissexuais, respeito às mulheres, porque parece a mesma coisa, mas não é, respeito às mulheres e violência contra as mulheres, a luta pela garantia das mulheres lésbicas e bissexuais, essas são as palavras chave.

Observamos, aqui, a centralidade da luta pela cidadania e o lugar que o combate às violências possui nessa luta. Destaco a diferenciação entre violência e respeito, a primeira aludindo talvez a ações físicas e simbólicas que afetam negativamente as mulheres, ameaçando sua vida e

integridade, e a segunda inserida num campo moral e psicológico, tendo a ver com questões como reconhecimento. Em relação às ações, é deste modo que as Quitérias definem sua atuação:

- Luriana: Quais as áreas de atuação que o Grupo se coloca?
- As áreas de atuação são: mulheres em cárcere, saúde mental...
- E o assédio, né, trabalho com as meninas do futebol.
- E a violência contra as mulheres no futebol, assédio, estupro corretivo, exploração infantil, essas coisas...
- Luriana: Ao longo da trajetória, quais atividades consideram mais importantes?
- As que mais marcam o Maria Quitéria são as ações públicas, as ações de ousadia mesmo, de fazer visibilidade em praça pública, de fazer jogo de futebol feminino em praça pública, e, principalmente, assumindo que é Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria, porque originalmente o nome era Grupo de Mulheres Maria Quitéria, desde 2014 a gente assumiu esse posicionamento político em afirmar que é um Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais. No novo estatuto, a gente vai modificar e assumir de vez o Lésbicas e Bissexuais. Então as atividades mais importantes na história do Maria Quitéria pra mim é isso. Porque a gente falou pra dona de casa lá do Funcionários IV, a gente falou pra homofóbico lá na Praça do Coqueiral, a gente falou pra fundamentalistas dentro da feira do Funcionários I [...] A gente saiu falando do Grupo em muitos lugares, não especificamente para lésbicas, mas eram mulheres lésbicas que estavam falando.
- Por último agora foi no Renascer, que nós fizemos aquela feira de serviço.
- Aí a última agora a gente mais uma vez foi ousada, é tanto que lá o nome do torneio é o “torneio das sapatão”, porque foi o Grupo de Mulheres Lésbicas que promoveu o torneio feminino, e a todo momento a gente falava que eram mulheres lésbicas, e tinha bandeira LGBT por todo canto, e tinha fundamentalista assistindo, tinha “macho uó” assistindo, tava ouvindo, tava lá... Então isso pra gente é importante, não só o trabalho de conversar com as meninas propriamente dito, mas a gente, lésbica, bissexual, tá falando para além. Porque quando a gente pega, faz um torneio numa praça que é pública, qualquer pessoa passa e tal, e a gente pega um microfone num carro de som e passa dentro da comunidade chamando pra ir ver esse jogo, um jogo do torneio feminino, e dizer que quem ta chamando é o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria, é massa.
- É ousadia, né?
- É muita ousadia. Como a primeira vez que a gente fez isso foi na feira de serviço, que Sivi disse assim “tu vai ter coragem?” porque era o bairro que Sivi morava, eu disse “eu tenho coragem”, “tu tem mermo?”, “tenho, tenho coragem”, “então tu vai.”. Fui no carro de som dando bom dia pra dona Maria, pra seu João, chamando pra ir pra feira, dizendo que era o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais Maria Quitéria e Sivi “eu não acredito que tu vai dizer... tu vai dizer lésbicas e bissexuais?”, “eu vou.”, “a gente vai apanhar...”, “vai não. Por que a gente ta fazendo uma ação de cidadania.”.
- E rolou massa, num foi?

O trecho em análise traz diversos elementos para perceber de que maneira o Grupo se coloca publicamente. Um primeiro aspecto a ser destacado é a explicitação no seu nome, de que se trata de um grupo de mulheres lésbicas e bissexuais. Embora já existindo e realizando ações específicas, incluir a definição lésbicas e bissexuais no nome, e pronunciar esse nome em espaços públicos e às vezes em ambientes conservadores, tem um efeito na autoafirmação identitária do grupo, que se articula com a ideia de visibilidade e com o movimento de enfrentamento que faz parte do *ethos* do

grupo. Guardando as devidas distâncias, pode-se dizer que é uma nova “saída do armário”, no sentido de que está se rejeitando, explicitamente, poder ser “confundido” com uma associação de mulheres alinhada com lugares tradicionais ou com um grupo feminista sem marcação da sexualidade. Esta seria, pois, um primeiro momento valorizado pelo grupo em sua trajetória recente.

O segundo movimento, ao falar em “torneio de sapatão”, opera novamente nomeando, desta vez fazendo uma tradução de um registro identitário político para o das desqualificações (sapatão como estigma) que são apropriadas como autoidentidades (sapatão como emblema).

A escolha do futebol não ocorre por acaso, sendo este um dos símbolos nacionais mais fortemente associado à masculinidade no Brasil. Nesse sentido, a ideia de um “torneio de sapatão”, e principalmente, a chamada nas ruas, com o carro de som, tem um ponto crucial, a visibilidade da existência lésbica e bissexual colocada diretamente nessas ações e por isso, parece ser que tais ações são extremamente eficazes. Vale salientar o enfrentamento e o embate que o Grupo se coloca, frente não somente as questões colocadas ali, onde realizam essas ações, o que já por si carrega bastante relevância, mas colocadas diretamente numa linha combativa, frente a um período político tão violento como o atual. Além disso, a agenda do Grupo Maria Quitéria é bastante ampla, podendo ser acompanhada a partir da entrevista que tive com elas, assim:

- Luriana: Como funciona a agenda do Grupo?
- Existe um planejamento chave.
- E existe um plano anual.
- Mas que a gente só cumpre o que realmente é essencial, porque aparecem muitas demandas... Surgem demandas de outros grupos, e a gente cumpre agenda para fortalecer outros grupos.
- Porque nós temos um calendário anual, né, que é o 8 de março, o 17 de maio, aí tem orgulho LGBT em junho [...] aí tem o julho das pretas, pretas lésbicas e bissexuais e agosto (mês da visibilidade lésbica) e também tem a parada LGBT [...].
- Fora essas datas, tem as nossas reuniões ordinárias, nossas formações internas do grupo, vivências [...].
- Porque na verdade a gente se vê muito mais, a gente se vê quase todos os dias, porque a militância é todos os dias [...].
- E a gente também tem uma agenda que é mensal no Julia Maranhão (Centro de Reeducação Feminino), uma vez por mês [...].

Outro ponto bastante interessante que surge nesse contato com o Grupo Maria Quitéria é a possibilidade de visualizar a forma como elas se organizam, porque de fato, o Grupo atua em diversos âmbitos, demandando assim uma articulação atenta para realizar essas ações. A exemplo, pude presenciar uma reunião de elaboração para a ação no Centro de Reeducação Maria Júlia Maranhão, onde Marli descrevia como funciona a dinâmica no Centro, que tipo de ação o Grupo

desenvolve e o que elas desejavam como melhoria naquele espaço, demonstrando assim, como funciona a dinâmica nos bastidores dessas ações.

Considerações Finais

Neste momento, procuro retomar de forma breve algumas das noções principais que guiaram esta pesquisa. Inicialmente, traço como objetivo refletir acerca das trajetórias e memória do movimento lésbico na Paraíba, a partir de uma aproximação ao Grupo de Mulheres Lésbicas Maria Quitéria. Em seguida, inclino a pesquisa refletindo sobre as inquietações subjetivas e políticas que me levaram a feitura desta pesquisa, conversando diretamente com a literatura selecionada acerca das teorias lésbicas, que por sua vez, direcionam para temas que são centrais quando discutimos a existência lésbica: a heterossexualidade compulsória colocada como norma obrigatória na vida de mulheres, as violências que se sofre por ser sapatão, a existência lésbica como um marco político, entendendo que não é só uma orientação sexual, mas uma identidade que rompe com essas divisões, a luta pela visibilidade, a busca pela representatividade e reconhecimento, atrelada a necessidade de ver refletida relações lésbicas nos mais diversos aspectos da vida social e o afeto como uma reivindicação política.

Outro ponto necessário de análise, é que neste percurso da pesquisa que estive ao lado do Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba - Maria Quitéria, tornou-se possível observar questões que perpassam a vida cotidiana das próprias interlocutoras. Sendo assim, parece ser possível identificar que a necessidade, atrelada a luta pelos direitos de tornar visíveis as relações lésbicas, a própria existência, é o que move e direciona o Grupo Maria Quitéria. Isto porque tem a ver diretamente com o lugar que se ocupa, a vida cotidiana, como andar na rua, a vida familiar, a própria vida profissional e a vida afetiva. A construção da história e luta do Grupo Maria Quitéria marca, portanto, um espaço que dificilmente é acessado, é falado, é conversado, marca o espaço da mulher lésbica que se coloca e atua politicamente, e o melhor: elas fazem isso em grupo.

Faço o exercício reflexivo de não cair na superestimação das vivências de mulheres lésbicas, correndo o risco de querer colocar as vivências lésbicas num só caminho, um caminho totalizante das experiências. Nesse sentido, assumi uma postura de registrar, apontar e analisar as diversas possibilidades exploradas pelo Grupo Maria Quitéria ao longo de sua trajetória, dentro daquilo que foi possível abordar no tempo da pesquisa. E por isso mesmo, faço uma provocação no sentido de pensar, por exemplo, quem, atualmente, tem trabalhado e desenvolvido ações com mulheres presidiárias? Ou mesmo, quem tem pensando em saúde integral da mulher lésbica e bissexual? Em um momento de aparente regresso de políticas sociais, as ações desenvolvidas pelas Quitérias

parecem apontar para outro enredo quando pensamos nas trajetórias de mulheres lésbicas e bissexuais. São as possibilidades colocadas através destas ações e pelo discurso que elas entoam por onde passam que tento trazer nesta pesquisa. É uma luta para garantir um lugar de fala, é um exercício de resistência.

É preciso, no entanto, evidenciar nítidas limitações metodológicas que esta pesquisa demonstrou, reconhecer isso, acredito, faz parte da construção de qualquer pesquisa. Por isso, projeto para um futuro próximo, a continuidade, em alguma medida, dos estudos aqui desenvolvidos.

De outro modo, penso que a memória registrada acerca das ações do Grupo como símbolo de resistência, é mesmo trabalhada quando evidencio a fala das interlocutoras no texto. Além do mais, quando conto e reconto as trajetórias e narrativas que o Grupo de Mulheres Lésbicas e Bissexuais da Paraíba – Maria Quitéria vem construindo ao longo de sua caminhada enquanto um grupo político de mulheres lésbicas, percebendo ser, portanto, um movimento de resistência.



Figura 1. Fonte: Ana Flávia (@affnana)

Referências Bibliográficas

- ABU-LUGHOD, Lila. A escrita contra a cultura. **Equatorial**, Natal, v. 5, n. 8, jan./jun. 2018.
- AKOTIRENE, Carla. **O que é Interseccionalidade?** Belo Horizonte: Letramento: 2018.
- BERTAUX, Daniel. **Narrativas de vida: a pesquisa e seus métodos**. Natal: EDUFRN, São Paulo: Paulus, 2010.
- BOURCIER, Sam/Marie Hélène. Sexo e neoliberalismo. In: BENTO, Berenice; FÉLIX-SILVA, Antônio Vladimir (Org.). **Desfazendo gênero I: subjetividades, cidadania, transfeminismos**. Natal: Edufrn, 2015.
- BRANDAO, S. Teorias lésbicas contemporâneas e a arte como ativismo e potência de resistência e visibilidade. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, Dossiê, vol. 04, n. 02. Abr./Jun. 2018.
- COSTA, Jussara Carneiro; SOARES, Gilberta Santos. Movimento lésbico e movimento feminista no Brasil: recuperando encontros e desencontros. **Labrys, estudos feministas**, jul./dez. 2011 – jan./jun. 2012.
- CURIEL, O. (s. f.). **Gênero, raza, sexualidad debates contemporaneos**. Disponível em: http://www.urosario.edu.co/urosario_files/1f/1f1d1951-0f7e-43ff-819f-dd05e5fed03c.pdf. Acesso em: set. 2019.
- CLARKE, Cheryl. **Lesbianism: An Act of Resistance. The Columbia Reader on Lesbians and Gay Men in Media, Society, and Politics**. Columbia University Press, 1990. Tradução livre. Disponível em: <http://ebookbrowse.net/lesbianismo-um-ato-de-resistencia-cheryl-clarke-pdf-d281612776>. Acesso em: jan. 2018.
- DA MATTA, Roberto. O ofício de etnólogo, ou como ter ‘anthropological blues’. In: **Boletim do Museu Nacional**, 1978.
- FACCHINI, Regina; FRANÇA, Isadora Lins. De cores e matizes: sujeitos, conexões e desafios no Movimento LGBT brasileiro. **Revista Latino América**, São Paulo, 2009.
- FACCHINI, Regina. **Entre umas e outras: mulheres, (homo)sexualidades e diferenças na cidade de São Paulo**. Campinas: Universidade Estadual de Campinas, 2008.
- FALQUET, Jules. **Breve reseña de algunas teorías lésbicas**. México: Fem-e-libros ediciones, 2004.
- FALQUET, Jules. Romper o tabu da heterossexualidade: contribuições da lesbianidade como movimento social e teoria política. **Cadernos da Crítica Feminista**. Ano VI, n 5, 2012. Disponível em: <https://julesfalquet.files.wordpress.com/2010/05/art-port-romper-o-tabu-da-heterossexualidade.pdf>. Acesso em: 8 set. 2019.

- FALQUET, Jules. Repensar as relações sociais de sexo, classe e “raça” na globalização neoliberal. **Mediações**, v. 13, n.1-2, 2008, p. 121-142.
- FAVRET-SAADA, Jeanne. Ser afetado. **Cadernos de campo**, n. 13, 2008, p. 155–161.
- FRANCH, Mónica; NASCIMENTO, Silvana de Souza (orgs). **Entre o sertão, a cidade e o mar: políticas e poéticas LGBT na Paraíba**. João Pessoa, 2019.
- FRANCH, Mónica. **A produção antropológica em gênero e sexualidades no Brasil na última década (2008-2018)**. no prelo, 2018.
- GROSSI, Miriam Pillar. Gênero e parentesco: famílias gays e lésbicas no Brasil. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 21, 2003, p. 261-280.
- HIRATA, Helena. Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e consubstancialidade das relações sociais. **Tempo Social**, revista de sociologia da USP, v. 26, n.1, 2014, p. 61-73.
- HOOKS, Bell. “Mulheres negras e feminismo”. In: **Não sou uma mulher?** Mulheres negras e feminismo. 1a edição 1981. Tradução livre para a Plataforma Gueto. Janeiro, 2014.
- LESSA, Patricia. **Lesbianas em movimento: a criação de subjetividade**. Brasil, 1979-2006. Brasília: [s.n.], 2007.
- MEINERZ, Nádia Elisa. Se essas paredes pudessem falar. **Bagoas**, n. 10, 2013, p. 55-72.
- MEINERZ, Nádia Elisa. **Mulheres e Masculinidades: etnografia sobre afinidades de gênero no contexto de parcerias homoeróticas entre mulheres de grupos populares em Porto Alegre**. Porto Alegre: UFRGS, 2011.
- OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. O trabalho do Antropólogo: olhar, ouvir, escrever. **Revista De Antropologia**, n 36, p.13-37, 1996.
- OLIVEIRA, Thiago de Lima. Levantar bandeira e dar pinta. Inflexões etnográficas sobre o movimento LGBT em João Pessoa (1980-2002) e suas ressonâncias. **Bagoas**, n. 16, 2017.
- ORTNER, Sherry B. Teoria na antropologia desde os anos 60. **Mana**, n. 17, 2011, p. 419-466.
- RICH, Adrienne. **Heterossexualidade compulsória e existência lésbica**. Tradução: Carlos Guilherme do Valle. N.05, 2010, p. 17-44.
- SAUNDERS, Tanya L. Epistemologia negra sapatão como vetor de uma práxis humana libertária. **Periódicus**, Salvador, v. 1, n. 7, 2017, p. 102-116.
- SILVA, Zuleide Paiva da. Lesbianidade Política na Bahia: que ginga é essa? **Cadernos de Gênero e Diversidade**, Bahia, Dossiê, vol. 04, n. 02, Abr./Jun. 2018.
- SPIVAK, Gayatri Chakravorty. **Pode o subalterno falar?** Editora UFMG, Belo Horizonte, 2010.